



## Memória de poetas populares na internet: Uso da plataforma wordpress na preservação e acesso a artefatos poéticos da literatura de cordel brasileira

*Memory of popular poets on the internet: Use of the wordpress platform in the preservation and access to poetic artifacts of Brazilian cordel literature*

Maria Elizabeth Baltar Carneiro de Albuquerque \*

Bernardina Maria Juvenal Freire de Oliveira \*\*

Sale Mário Gaudêncio \*\*\*

### RESUMO

Este artigo apresenta como temática central a memória de poetas populares na internet, tendo como objetivo basilar preservar a memória da poesia popular, particularmente a memória da vida e obra de seus autores, por meio da adoção de recursos tecnológicos, neste caso do uso do WordPress com vistas a viabilizar a preservação e o acesso a artefatos poéticos da literatura de cordel. Metodologicamente, a investigação ocorreu em duas fases: a fase 1, de caráter estritamente documental e bibliográfico; e a fase 2, de natureza aplicada. Conclui-se que o uso de ferramentas *online* pode viabilizar a preservação e o acesso aos artefatos da memória coletiva da poesia popular e, de algum modo, fazer ecoar as vozes silenciadas por processos coercitivos ou não, considerando que o cordel possui

### ABSTRACT

The subject of this article is the memory of popular poets on the internet, with the aim of preserving the memory of popular poetry, particularly their life stories and their work, through the adoption of technological resources. In this case we focus on the use of WordPress in facilitating the preservation of and access to poetic artifacts of *cordel* literature. The investigation occurred in two phases: Phase 1, strictly documentary and bibliographic; and Phase 2, of an applied nature. It is concluded that the use of online tools can facilitate preservation and access to the artifacts of collective memory, in some way echoing the voices silenced - by coercive processes or not - considering that *cordel* literature is built on a social critique. In this sense, this work should contribute to induce in other contexts new memory preservation

\* Doutora em Letras pela UFPB. Professora do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba (PPGCI/UFPB). Endereço: Universidade Federal da Paraíba (Campus I), Jardim Cidade Universitária, CEP 58.051-900, João Pessoa, PB. Telefone: (83) 3216 7264. E-mail: ebaltar2007@gmail.com.

\*\* Doutora em Letras pela UFPB. Professora do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba (PPGCI/UFPB). Endereço: Universidade Federal da Paraíba (Campus I), Jardim Cidade Universitária, CEP 58.051-900, João Pessoa, PB. Telefone: (83) 3216 7264. E-mail: bernardinafreire@gmail.com.

\*\*\* Mestre em Ciência da Informação pela UFPB. Bibliotecário-Documentalista da Biblioteca Central Orlando Teixeira da Universidade Federal Rural do Semiárido (BCOT/UFERSA). Endereço: Universidade Federal Rural do Semiárido (Campus Leste), Av. Francisco Mota, 572, Costa e Silva, CEP: 59.625-900, Mossoró, RN. Telefone: (84) 3317 8308. E-mail: mario@ufersa.edu.br

uma linguagem crítica do social. Nesse sentido, espera-se contribuir para induzir, em outros contextos, novas experiências de preservação da memória da cultura popular, que é também cultura nacional.

**Palavras-chave:** Memória Coletiva; Blogosfera; Cultura Popular; Poesia Popular; Artefato Poético.

experiences of popular culture, which is also national culture.

**Keywords:** Collective Memory; Blogosphere; Popular culture; Popular Poetry; Poetic Artifact.

## INTRODUÇÃO

O Nordeste brasileiro traz em suas raízes alguns elementos culturais que o caracterizam e o individualizam. Entre eles, destacamos a literatura de cordel ou literatura de folheto. Trata-se de um tipo de literatura popular herdado da tradição ibérica, introduzida no Brasil em meados do século XIX, com expansão, sobretudo no Nordeste. Para Lucena (2010, p. 13),

Por ser de outra tradição – da oralidade – o cordel é muitas vezes estudado como gênero menor, folclore, e expressão de um “povo”, constituído por pessoas pobres e moradoras de regiões periféricas que cantam e escrevem suas alegrias e agruras por meio do folheto de cordel. Assim, o que parece estar em jogo não é o que o artista produz, mas a crença que os estudiosos imbuem ao cordel e que o relega à posição de paraliteratura, pseudoliteratura, subliteratura entre outras designações, pela origem de seus autores e pela tradição literária a que pertencem – no caso a oral.

Para Lucena (2010), apesar do preconceito teórico estabelecido em relação ao cordel ao longo do tempo, foram crescentes os projetos editoriais que se destinaram a essa produção poética com diversas inovações. Seguindo o raciocínio da autora, tais inovações levaram ao uso de novas formas de produção, entre as quais o uso do espaço virtual na produção de cordel, em que os autores publicam seus versos diretamente pelo uso de *bytes* ou *bits*. Além disso, reconfigura-se também as temáticas que foram sendo incorporadas a esse tipo de publicação.

O poeta foi incorporando a essa literatura fatos mais próximos da realidade e, assim, percorrendo feiras e disseminando a produção, que trazia, em seu escopo, façanhas de cangaceiros, questões políticas, religiosas, versejando ainda sobre amor, traição, entre outras temáticas cotidianas. Torna-se uma produção sistemática, especialmente na Paraíba e em Pernambuco, de onde se origina os primeiros registros desse tipo de literatura no Brasil, associada ainda ao fato de ela alcançar todo tipo de público, alfabetizado ou não, em razão de sua estrutura composta de frases curtas, em que rima e ritmo interferem diretamente na sonoridade dos escritos.

De acordo com Santos (2010, p. 79), foi, na década de 1970, com a sistematização dos estudos da Fundação Casa de Rui Barbosa (FCRB), intitulados “Literatura popular em verso”, que se deu a

[...] legitimação acadêmica desses valores de produção. Justificados como oriundos de uma tradição, esses estudos apregoaram conceitos para o modo de versar e de ser do poeta, que a partir de então passou a ser chamado de cordelista. Dessa

forma, entre as décadas de 1960 e 1970, foi definida uma historiografia sobre a literatura de folhetos brasileira.

Para além de destacar a FCRB como construtora de um cânone da poética de cordel, Francisca Pereira dos Santos assinala mais dois eixos: 1) a presença e a militância do pesquisador francês Raymond Cantel na defesa dessa poética (1959-1984); e 2) as pesquisas para a organização de um dicionário sobre cantadores e poetas de cordel, coordenadas por Átila Almeida e José Alves Sobrinho, na Universidade Federal da Paraíba (SANTOS, 2009, p. 67). Assim, a autora descreve o quadro acadêmico que legitimou e canonizou poetas, regras, conceitos e denominações relacionados à literatura de cordel.

Por outro lado, apesar de sua importância, o cordel e, em especial, os cordelistas têm sido afetados por uma onda de silenciamento em torno dessa produção e de seus autores, sobretudo quando consideramos as condições de produção dos primeiros cordelistas. Nem sempre os pesquisadores conseguem identificar toda a produção ou biografia de um determinado cordelista. Isso acontece por várias razões: não encontrar nenhum exemplar do folheto por ele produzido; os folhetos terem sido confeccionados em pequeno número, e adquiridos por grandes colecionadores; e, ainda, por terem se perdido ao longo do tempo, em razão da própria qualidade do material físico em que são confeccionados os cordéis.

Desse modo, fica nos desvãos da memória parte dessas produções, e esquecidos seus produtores. Isso nos leva a pensar as possibilidades de preservar a memória da poesia popular, particularmente a memória da vida e da obra de seus autores, por meio da adoção de recursos tecnológicos. No caso deste artigo, a proposta é o uso do WordPress com vistas a viabilizar a preservação e o acesso e, de algum modo, ecoar as vozes silenciadas por processos coercitivos ou não, considerando que o cordel possui uma linguagem crítica do social. Nesse sentido, espera-se contribuir para induzir em outros contextos novas experiências de preservação da memória da cultura popular, que também é parte integrante da cultura nacional.

## NA MEMÓRIA DA TRADIÇÃO: ASPECTOS TEÓRICOS DE UMA COLETIVIDADE

A questão da memória tem, de certo modo, chamado, há décadas, a atenção por parte das ciências sociais. No caso da ciência da informação, tudo se efetiva com a criação do GT10 da Ancib, em 2010, embora haja estudos que antecedem essa data. Por outro lado, é oportuno ressaltar que o termo “memória coletiva” foi cunhado em 1925, na obra *Les cadres sociaux de la memoire*, da autoria de Maurice Halbwachs, e reiterado em sua obra *A memória coletiva*, publicada postumamente. Tal concepção buscou compreender as relações entre o indivíduo e o social, bem como as representações que são construídas pelos sujeitos.

Seguindo este raciocínio, Halbwachs (1990, p. 81-82) explica que a memória coletiva “é uma corrente de pensamento contínuo, de uma continuidade que nada tem de artificial, já que retém do passado somente, aquilo que ainda está vivo ou capaz de viver na consciência do grupo que a mantém”. Isso se dá numa perspectiva cíclica e atemporal, valorizando as relações sociais, comunitárias, étnicas, religiosas, culturais e individuais de um grupo, ou seja, é um instrumento mobilizador de força ou de poder, que conduz um grupo a ter reconhecimento por meio de suas lembranças.

Essa atmosfera mostra que a memória coletiva tem como razão básica para existir a vivência e o sentimento de pertença dos grupos, ou seja, a identidade. É algo nitidamente diferente da história que valoriza essencialmente os fatos

ideologicamente selecionados. Por isso, para memória coletiva, não há linhas de ruptura formalmente constituídas. Tem-se uma construção dos grupos sem uma temporalidade positivista estabelecida.

Assim, a memória de uma sociedade abrange a memória dos grupos dos quais ela é composta (HALBWACHS, 1990). Isso significa dizer que não há um único modelo de sociedade ou um único grupo. Neste sentido, observa-se que há o favorecimento de um contingente variado de memórias coletivas, que, por sua vez, são maturadas e constituídas a partir das memórias individuais de cada indivíduo ou ator social. Desse modo, toda a memória coletiva é configurada por um grupo limitado no espaço e no tempo (HALBWACHS, 1990).

Tal limitação, por afinidade, é importante para que seja oportuno configurar novos grupos, entendê-los e perceber o seu desenvolvimento numa trajetória contínua e mutante. Por esse viés, entende-se que a memória coletiva é um quadro de analogias, e é natural que o grupo permaneça o mesmo, porque a memória fixa sua atenção sobre ele. O que muda são as relações ou contatos do grupo com os outros (HALBWACHS, 1990).

Mesmo que haja transformação no grupo, se este continuar existindo a memória coletiva estará ali, “presente”, com o seu olhar sempre voltado ao tempo pretérito, fazendo com que as práticas, as raízes e a cultura permaneçam vivenciadas.

Neste sentido, para Candau (2011), a memória coletiva também pode ser entendida como memória compartilhada. O autor assevera:

[...] a noção de memória compartilhada é uma inferência expressa por metáforas (memória coletiva, comum, social, familiar, histórica, pública), que na melhor das hipóteses darão conta de certos aspectos da realidade social e cultural ou, na pior das delas, serão simples *flatusvocis* sem nenhum fundamento empírico (CANDAU, 2011, p. 28, grifo do autor).

Implica dizer que é preciso certa atenção para lidar com esse tipo específico de memória, pois “a metáfora ‘memória coletiva’ aplicada a um determinado grupo seria totalmente pertinente se todos os membros do grupo fossem capazes de compartilhar integralmente um número determinado de representações” (CANDAU, 2011, p. 31), o que se pode verificar, na memória compartilhada, pelo fazer popular dos poetas cordelistas que mantêm a tradição das rimas, métricas, sextilhas, entre outras características, ainda que se utilizem do espaço virtual.

Dando continuidade à discussão, adentra-se, agora, nas representações memoriais que devem abrir espaço para o tempo; um tempo sem amarras, em que a memória social possa estar livre para se fazer presente quando e como for mais adequado. Daí, “O tempo é provisoriamente domesticado no ‘templo da memória coletiva’ [...]” (CANDAU, 2011, p. 31).

Esta ideia do tempo provisoriamente domesticado encaixa-se perfeitamente na ideia de complexidade de grupo. Significa dizer que temos apenas a possibilidade potencial de domesticação, mas que, na verdade, isso não acontece. O tempo segue o ritmo de quem o conduz e de como é conduzido, e isso passa necessariamente pela forma como está sendo vivenciada e compartilhada a memória coletiva, seja pelas representações simbólicas, pelas lembranças representadas ou pela maneira como as pessoas de um grupo celebraram os seus rituais, conduzidos de geração para geração.

Portanto, isto contribui para um cenário em que:

A complexidade do mundo que atesta a massa enorme de informações disponíveis de maneira assim atomizada é cada vez menos submetida a esse ordenamento quase espontâneo que assegurava a memória coletiva através de encadeamentos explicativos (CANDAUI, 2011, p. 115).

É pensando neste ordenamento quase espontâneo que se consolidam os lugares de memória. Na visão de Nora (1993, p. 13),

Os lugares de memória são, antes de tudo, restos. A forma extrema onde subsiste uma consciência comemorativa numa história que a chama, porque ela a ignora. [...] os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, noticiar atas, porque essas operações não são naturais. É por isso a defesa, pelas minorias, de uma memória refugiada sobre focos privilegiados e enciumadamente guardados nada mais faz do que levar à incandescência a verdade de todos os lugares de memória.

É percebido que são espaços especiais de acomodação para manifestação da memória coletiva, especialmente se for fortalecida pela memória construída por cada um, além daquela que prima pelo registro dos fatos ou acontecimentos. Assim, “no horizonte, delinea-se o desejo de uma memória integral, reunindo memória individual, memória coletiva e memória histórica” (RICOEUR, 2010, p. 407).

Quando oportunizamos essa prática, estamos possibilitando a ideia de uma memória universal, em que memórias individuais, coletivas e históricas se imbricam, ou seja, se juntam, uma complementando a outra, fazendo com que o lugar de memória na internet, e por este, os *blogs*, sejam permitidos em relação ao que está sendo definido e caracterizado como “cibercordéis”.

Dessa maneira, “Cabe, [...] à memória coletiva, por ocasião principalmente das grandes revoluções, reforçar as novas instituições sociais com tudo o que se pode retomar de tradições” (RICOEUR, 2010, p. 407).

Portanto, ao entender e valorizar o campo da memória coletiva, por meio de seus aspectos micro e macro, se torna evidente a necessidade de construir um pacto social, quase utópico, em que os grupos possam ser preservados e favorecidos, no sentido do respeito e do reconhecimento das tradições culturais, da aceitação étnica e das diferenças religiosas, sem sobreposição ideológica de um grupo sobre o outro. Então, a memória coletiva de um grupo se dá, essencialmente, quando o grupo é livre para vivenciar suas práticas e se adaptar ao desenvolvimento da memória no transcorrer do tempo.

Por isso, Le Goff ressalta que:

[...] a memória coletiva foi posta em jogo de forma importante na luta das forças sociais pelo poder. Tornarem-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas. Os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores desses mecanismos de manipulação da memória coletiva (LE GOFF, 1990, p. 368).

Dessa interpretação inicial, percebe-se o quanto a memória coletiva interage com as lutas sociais em torno do poder. A memória coletiva nesse espaço de disputa sofre

com um processo seletivo e de manipulação, no qual um grupo pode se sobrepor a outro.

Dessa forma, “O estudo da memória coletiva é um dos meios fundamentais de abordar os problemas do tempo e da história, relativamente a qual a memória está ora em retraimento, ora em transbordamento” (LE GOFF, 1990, p. 368).

Esse movimento é visto com normalidade, considerando que, no decorrer do tempo, uns grupos são evocados, outros esquecidos. Nesse meio tempo, a história que se configura a partir da memória coletiva pode estar representada informacionalmente por meio dos registros, da percepção da oralidade até aos da “cibercultura”.

Neste entendimento, veem-se os seguintes momentos que ratificam o pensamento mencionado:

- 1) a memória étnica nas sociedades sem escrita, ditas "selvagens";
- 2) o desenvolvimento da memória, da oralidade à escrita, da Pré-história à Antiguidade; 3) a memória medieval, em equilíbrio entre o oral e o escrito; 4) os progressos da memória escrita, do século XVI aos nossos dias; 5) os desenvolvimentos atuais da memória (LE GOFF, 1990, p. 369).

Com a categorização desses períodos, o ponto inicial é o saber prático, empírico, que se manifesta e se desdobra muitas vezes por meio da oralidade, especialmente quando é passado de uma geração para outra. Por isso, diz-se que a memória coletiva também se interessa particularmente pelos conhecimentos práticos, técnicos, de saber profissional (LE GOFF, 1990).

Esse saber prático, apreendido e compartilhado, é pressuposto fundamental para a escrita, seja qual for o suporte empregado para efetivar o registro.

O aparecimento da escrita está ligado a uma profunda transformação da memória coletiva. Desde a “Idade Média ao Paleolítico” aparecem figuras onde se propôs ver “mitogramas” paralelos à “mitologia” que se desenvolve na ordem verbal. A escrita permite à memória coletiva um duplo progresso, o desenvolvimento de duas formas de memória. A primeira é a comemoração, a celebração através de um monumento comemorativo de um acontecimento memorável. [...] A outra forma de memória ligada à escrita é o documento escrito num suporte especialmente destinado à escrita (depois de tentativas sobre osso, estofa, pele, como na Rússia antiga; folhas de palmeira, como na Índia; carapaça de tartaruga, como na China; e finalmente papiro, pergaminho e papel) (LE GOFF, 1990, p. 372-374).

É em função do aparecimento e da evolução da escrita que a sociedade aprofunda um processo de transformação social e cognitiva. O documento, nesse contexto, seja impresso, digitalizado ou virtual, assume papel relevante na mutação global das memórias coletivas. Dessa maneira, “Com a passagem da oralidade à escrita, a memória coletiva e mais particularmente a ‘memória artificial’ é profundamente transformada” (LE GOFF, 1990, p. 375). Essa transformação que está sendo evidenciada pode ser exemplificada ao longo da história de diversas formas.

A memória coletiva não apenas acolhe os registros documentais canônicos e aceitos pela “sociedade erudita”, mas, também, “[...] acolhe a memória popular. Abrem-se museus de folclore na Dinamarca desde 1807; em Bergen, na Noruega, em 1828; em

Helsinque, na Finlândia, em 1849; esperando o museu mais completo: o Skansen de Estocolmo, em 1891” (LE GOFF, 1990).

Compreende-se, então, que é preciso criar uma relação sincrônica entre memória erudita e popular. Isso possibilitará um diálogo entre as ciências, com base em uma potencial prática interdisciplinar, além de tornar viável o entendimento de suas relações de aproximação, mas, também, de distanciamento. Um exemplo disso é que cotidianamente a literatura canônica tem buscado, na literatura popular, diversos elementos referenciais para construção de suas novas produções ou repertórios artísticos.

Nesse sentido, deve-se salientar que a memória coletiva é parte integrante e essencial de um todo, qualquer que seja o modelo de sociedade ou de produção historicamente constituída. Então, “[...] a memória coletiva faz parte das grandes questões das sociedades desenvolvidas e das sociedades em vias de desenvolvimento, das classes dominantes e das classes dominadas, lutando todas pelo poder ou pela vida, pela sobrevivência e pela promoção” (LE GOFF, 1990, p. 407).

Essa correspondência inversamente proporcional entre as relações de poder e apropriação leva a memória coletiva a conviver numa constante luta pelo poder, ou seja, ela estará sempre representada por uma linha tênue entre dominar e ser dominado.

Talvez por isso, muitas vezes a memória coletiva tenha tentado buscar respostas na sua forma científica, para poder ser mais bem compreendida e representada. Entendida dessa forma, “A memória coletiva e a sua forma científica, [...] aplicam-se a dois tipos de materiais: os documentos e os monumentos” (LE GOFF, 1990, p. 462).

Nesse limiar, espera-se ser entendida a importância de representar uma memória coletiva em patrimônios culturais capazes de tratar das mais variadas facetas sociais de memória, sem seletividade ou apropriação de um sobre o outro.

## **BLOGS: REPOSITÓRIOS MEMORIALÍSTICOS?**

Neste item, objetiva-se abordar teórica, conceitual e tecnicamente a estrutura dos *blogs* como espaço capaz de armazenar, preservar e disseminar a cultura popular, neste caso especial, a poesia de cordel e a memória de seus produtores.

### **Elementos basilares**

Historicamente, o movimento internacional de *blogs* foi alicerçado, inicialmente pela definição de ciberespaço traçada por Lévy (2007, p. 92), que trata a questão como:

[...] o espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores. Essa definição inclui o conjunto dos sistemas de comunicação eletrônicos (aí incluídos os conjuntos de redes hertzianas e telefônicas clássicas), na medida em que transitem informações provenientes de fontes digitais ou destinadas à digitalização.

Esse contexto fortalece o cenário de uma sociedade em rede. De acordo com Castells (2011, p. 565-566):

Redes constituem a nova morfologia social de nossas sociedades e a difusão da lógica de redes modifica de forma substancial a operação e os resultados dos processos produtivos e de experiência, poder e cultura. [...]. Rede é um conjunto de nós interconectados. [...] Redes são estruturas abertas capazes de expandir de forma limitada, integrando novos nós desde que consigam comunicar-se dentro da rede, [...]. Redes são instrumentos apropriados para a economia capitalista baseada na inovação, globalização e concentração descentralizada; para o trabalho, trabalhadores e empresas voltadas para a flexibilidade e adaptabilidade; para uma cultura de desconstrução e reconstrução contínuas; para uma política destinada ao processamento instantâneo de novos valores e humores públicos; e para uma organização social que vise à suplantação e invalidação do tempo.

Dessa forma, trata-se de entender que, dentro desse novo modelo de sociedade, as pessoas estão interconectadas, seja de forma afetiva, educacional, profissional, cultural ou política.

Sob o modo de produção capitalista, o termo *weblog* (*blog*) foi primeiramente adotado por Jorn Barger, em 1998, para informar que, até dezembro de 1997, havia apenas um limitado número de *sites* com as características do que entendemos hoje por *blogs* (BLOOD, 2000, tradução nossa).<sup>1</sup>

Essa embrionária experiência descoberta em solo estadunidense, hoje conhecida por *blog*, contribui para o surgimento de inúmeras experiências no ciberespaço.

Em função disso, Rodrigues (RODRIGUES, 2006, p. 21) observa que, na “realidade os *blogs* podem ser considerados autênticos diários, mas em formato eletrônico”. O *blog* surgiu inicialmente

[...] como uma ferramenta simples de criar conteúdo dinâmico em um *website*. É baseado principalmente em dois aspectos: *microconteúdo*, ou seja, pequenas porções de texto colocadas de cada vez, e atualização frequente, quase sempre, diária (RECUERO, 2003, p. 3, grifo da autora).

Seguindo o pensamento de Rodrigues (2006), Schittine (2004, p. 60) informa que o “*blog* é uma adaptação virtual de um refúgio que o indivíduo já havia criado anteriormente para aumentar o seu espaço privado: o ‘diário íntimo’”.

Neste sentido, Bitencourt ([2005?]) define os *blogs* como:

[...] páginas na internet onde as pessoas escrevem sobre diversos assuntos de seu interesse que podem vir acompanhadas de figuras e sons de maneira dinâmica e fácil, além de outras pessoas poderem colocar comentários sobre o que está sendo escrito. É um recurso de comunicação entre família, amigos, grupo de trabalho, ou até mesmo empresas. Muitos o utilizam como diários virtuais, escrevendo mensagens envolvendo o lado pessoal, emocional e profissional. O *blog* é uma ferramenta colaborativa onde pessoas trocam informações e conhecimentos cooperativamente. Pode ser utilizado como um laboratório de escrita virtual onde todos os membros possam agir, interagir e trocar experiências sobre

---

<sup>1</sup> Texto original: “In 1998 there were just a handful of sites of the type that are now identified as weblogs (so named by Jorn Barger in December 1997)”.

assuntos de mesmo interesse. Quanto à funcionalidade, o blog diferencia-se de outras ferramentas [...] como *chat*, fórum, listas de discussão entre outras, pela possibilidade de interação, acesso e atualização das informações através de comentários e posts.

O *blog* abre um leque de possibilidades para que o escritor e o leitor possam, além de postar informações, conseguir interagir e registrar ideias a partir de uma rede de relacionamentos dentro de um determinado grupo social ou área de domínio (interesse) no qual o *blog* circula.

Nesse contexto, “os *blogs* vêm permitir [...] a possibilidade de cada um dar a sua opinião sobre um determinado assunto” (RODRIGUES, 2006, p. 21).

Esse viés de interação contínua também possibilita aos *blogs* uma “[...] opção de pesquisa na *web* no momento em que estariam classificando as informações em função do conteúdo que disponibilizam” (AQUINO, 2009, 224).

Os *blogs*, como objeto virtualizado, possibilita um cenário em constante semiose, especialmente por produzir com frequência resultados hipertextuais e hipermediáticos.

Essa realidade, em certa medida, também é possibilitada em virtude da forma como a linguagem, conectividade e dinâmica em rede se materializam, visto que se tem nos *blogs* uma vasta gama informacional, seja através de texto, vídeo, som, imagem ou qualquer documento que viabilize *download* e *upload*. Essa diversidade de formatos de publicações se estrutura “[...] em blocos que são organizados cronologicamente, a data mais recente da publicação fica acima das demais” (FERREIRA; VIEIRA, 2007, p. 3). Coadunando-se com este pensamento, Schmidt (2007, tradução nossa)<sup>2</sup> observa que os *blogs* “são atualizados com frequência [...] onde o conteúdo [...] é publicado em uma base regular e exibido em ordem cronológica inversa”. Aliar as características peculiares dos *blogs* à forma como a linguagem é empregada, faz com que seja levada em consideração a necessidade de entendimento de sua construção aberta como funcionalidades e práticas. Entender isso possibilita caminhar para uma melhor compreensão do que é alicerçado sobre essa faceta da blogosfera, especialmente quando se está discutindo esse espaço como sendo “o universo de *blogs* e suas interconexões” (RECUERO, 2010).

## A plataforma wordpress no contexto da blogosfera

Partindo da definição levantada anteriormente, percebe-se, na contemporaneidade, uma significativa quantidade de *blogs* com as mais diversas finalidades, perfis, características, público-alvo e com os mais variados interesses, sejam pessoais, econômicos, informacionais ou outros.

Quantitativamente, esse número tem crescido exponencialmente nos últimos anos, em todo o mundo, como é mostrado por Zago (2008, p. 1): existiam “112,8 milhões de *blogs* indexados pelo Technorati”. Em anos vindouros, Recuero (2010) mostra que já “em agosto de 2008, [...] o Technorati divulgou seu mapeamento de *blogs*, com 133 milhões de *blogs* indexados desde 2002”. Numa curva ascendente, Gonçalves (2011, p. 7), utilizando dados da BlogPulse, já apresentava um número significativamente superior, girando em torno de 162.787.760 *blogs* identificados.

---

<sup>2</sup> Texto original: “blogs are frequently updated websites where content (text, pictures, sound files, etc.) is posted on a regular basis and displayed in reverse chronological order”.

Entretanto, quando tratamos da hospedagem de *blogs*, no campo da poesia popular, o crescimento, mesmo sendo ascendente, ainda é incipiente, seja pelo limitado alcance às ferramentas tecnológicas de informação e comunicação oriunda dos *blogs*, seja por barreiras ligadas à questão educacional, cultural ou econômica dos poetas populares. Mesmo assim, na investigação feita por Gaudêncio (2014), que realizou levantamento de *cibercordelistas*, foi possível levantar por volta 125 *blogs*, em que cerca de 90% deles eram exclusivamente de poetas populares. Os demais se dividiam entre entidades, associações e instituições que, de alguma forma, mantinham acervos guardados ou se apresentavam como espaços de representação ou de discussão em torno da literatura de cordel.

Nesse contexto, é traçado um modelo para que seja possível entender as peculiaridades dos *blogs*. Assim, torna-se necessário sistematizá-los com base em uma estrutura categorizadora, representada por meio no quadro a seguir:

**Quadro 1 – Categorização de *blogs*.**

| Item | Categoria               | Descrição   |
|------|-------------------------|---|
| (a)  | Diários Eletrônicos     | São os <i>blogs</i> atualizados com pensamentos, fatos e ocorrências da vida pessoal de cada indivíduo, como diários. O escopo desta categoria de <i>blogs</i> não é trazer informações ou notícias, mas simplesmente servir como um canal de expressão de seu autor. |
| (b)  | Publicações Eletrônicas | São <i>blogs</i> que se destinam principalmente à informação. Trazem, como revistas eletrônicas, notícias, dicas e comentários sobre um determinado assunto. Comentários pessoais são evitados, embora algumas vezes apareçam.  |
| (c)  | Publicações Mistas      | São aquelas que efetivamente misturam <i>posts</i> pessoais sobre a vida do autor e <i>posts</i> informativos, com notícias, dicas e comentários de acordo com o gosto pessoal.   |

Fonte: Adaptado de Recuero (2003, p. 4).

Visualizando o Quadro 1, é possível perceber o quanto os *blogs* abrem possibilidades distintas aos autores e leitores, favorecendo contextos pluralistas cujo acesso aos conteúdos, no ciberespaço, é cada vez facilitador e integrador. Portanto, a partir dessas categorias, quaisquer propostas tornam-se possíveis. Cabe ao autor, escritor ou colaborador (*blogueiros*) e leitores ou seguidores (*blogonautas*) não apenas terem a vontade de postar ou comentar informações, mas também de conhecer minimamente as diversas funções e potencialidades que um *blog* pode proporcionar a quem deseja submergir nesta faceta *cibernética*. Para isso, vale a pena conhecer com mais clareza a estrutura ou “anatomia” de um determinado *blog* estruturado em base WordPress<sup>3</sup> (WORDPRESS, 2014), um dos mais populares quando se trata de criação, manutenção e hospedagem (GONÇALVES, 2011, p. 7), como é mostrado no Quadro 2:

<sup>3</sup> “[...] plataforma semântica de vanguarda para publicação pessoal, com foco na estética, nos padrões web e na usabilidade. Ao mesmo tempo é um *software* livre [...] e gratuito [...], o WordPress é o que você usa quando quer trabalhar e não lutar com seu *software* de publicação de conteúdo, sendo hoje a maior plataforma de gerenciamento de conteúdo do mundo, com quase 70% do mercado” (WORDPRESS, 2014).

**Quadro 2 – Anatomia de um blog.**

| Item | Termos             | Descrição  |
|------|--------------------|--|
| 1    | Painel de controle | Este é o painel de controle nos bastidores. Painéis de controle se diferenciam por <i>sites</i> , mas o do WordPress permite que se saiba tudo, desde quantas publicações realizou e quantas pessoas visitaram seu <i>site</i> . Além das estatísticas, o painel de controle é onde se podem alterar as configurações, ler comentários, adicionar novas páginas, alterar a aparência do <i>blog</i> e acrescentar uma nova publicação. Pode-se, também, ter uma ideia de quantos indivíduos estão visitando o <i>blog</i> e quais publicações estão enviando para os amigos. |
| 2    | Tags               | São como palavras-chave: eles ajudam os programas de busca para encontrar suas publicações no <i>blog</i> . Devem ser usados <i>tags</i> que descrevam os principais assuntos das publicações para que os leitores que buscam informações semelhantes encontrem seu <i>blog</i> . Melhor ainda, <i>tags</i> de palavras-chave relacionadas, como as principais manchetes, provavelmente aparecerão quando os pesquisadores procurarem o que está sendo noticiado.  |
| 3    | Blogroll           | Esta é uma lista de outros <i>blogs</i> que o autor do <i>blog</i> acompanha. É uma ótima maneira de fazer um favor para amigos de cujos <i>blogs</i> o autor gosta, porque os leitores podem descobrir os <i>blogs</i> deles através do <i>blogroll</i> do outro. Podem-se acrescentar <i>blogs</i> de criadores de notícias, líderes de opinião, formadores de opinião e especialistas da indústria para ajudar os leitores a se conectarem à <i>blogosfera</i> .  |
| 4    | Perfil             | É como o <i>site</i> aparece para todos os outros. A partir do perfil, é possível ver as publicações, além de <i>links</i> para outras páginas do <i>blog</i> , incluindo a biografia autor.   |
| 5    | Registros          | Por meio do registro, é possível compartilhar as publicações anteriores com leitores que não as viram.   |
| 6    | Categorias         | À medida que se acrescentam publicações ao <i>blog</i> , podem-se indicar categorias às quais elas pertencem. Isso ajuda os leitores a localizar informações relevantes.   |
| 7    | RSS                | Trata-se de um código especial que permite ao autor cadastrar as publicações do seu <i>blog</i> para seus outros <i>sites</i> , tais como Facebook e LinkedIn, ou usar seu <i>blog</i> para adicionar conteúdo atualizado ao seu <i>website</i> .  |

Fonte: Adaptado de Martin (2012)

Em função do que foi apresentado na anatomia dos *blogs*, são potencializados diversos espaços de atuação aos *blogueiros* e aos *blogonautas*, entre as mais variadas áreas profissionais ou lúdicas de atuação. Essa conjuntura permite tornar os *blogs* um singular espaço de guarda, preservação e disseminação da informação, especialmente quando se utilizam ferramentas mais adequadas para a memória e a organização dos conteúdos *web*. É por isso que “um *blog* [...] pode [...] funcionar como um repositório de informações [...]” (PRIMO, 2008, p. 7). Ao pensar os *blogs* nesse sentido, possibilita-se viabilizar os meios e criar condições necessárias para

produzir e preservar conteúdos sobre as mais diversas temáticas, com abrangência nas mais diversas áreas do conhecimento, que, neste caso em particular, trata da memória da poesia popular.

### Encontro com a poesia popular

As mais diversas áreas do conhecimento ou setores da sociedade, por meio das pessoas, têm feito uso da escrita via *blogs* e disponibilizado os mais variados conteúdos, sejam em virtude do espaço corporativo ou individual. Isso é visto com mais clareza, de acordo com Carvalho e Carvalho (2005), em função de os

[...] *blogs* já se mostrarem como uma ferramenta tecnológica que está sendo usada por profissionais de áreas como a comunicação, tecnologia da informação, *marketing* dentre outras, e precisa ser considerado como um aliado na trajetória da escrita da memória da sociedade contemporânea (CARVALHO; CARVALHO, 2005, p. 63).

Esses traços marcantes também têm sido percebidos em *blogs* com viés cultural, em que os escritos pessoais ou colaborativos (coletivo) que tenham caráter íntimo ou público consigam comunicar suas produções, além de preservar a sua memória, mesmo que seja de forma artificial. Assim, com a

[...] “profissionalização” do mundo dos *blogs*, muitos temas surgiram como proposta nessas páginas: jornalismo (como mídia independente, sem intermediários, dando credibilidade e realidade para o que se coloca), poesia, atitude *punk*, literatura, quadrinhos, desenhos e caricaturas, música, cinema, política, além dos chamamos *blogs* coletivos (SILVA, 2005, p. 5, grifos do autor).

No âmbito da literatura poética, seja ela erudita ou popular, os *blogs* abrem espaço para que uma infinidade de autores possa produzir, divulgar e comercializar as suas obras. Por isso,

[...] ao nível da literatura, por exemplo, podemos observar que existem *blogs* de escritores, de crítica literária, *blogs* onde é publicada poesia e até contos inéditos. Autores que veem difícil a publicação de obras através das editoras acabam por fazê-lo nos *blogs*, dando assim a conhecer o seu trabalho ao público. [...]. Escritores consagrados ou principiantes têm assim novas oportunidades (RODRIGUES, 2006, p. 126).

Um primeiro exemplo prático que pode ser apresentado é o caso do *blog* português Descobrir Novos Escritores, que, como o próprio nome retrata, dá-se em função do seguinte cenário: “Num momento em que é tão difícil editar e divulgar em Portugal, este projeto servirá de plataforma para a divulgação de novas obras [...] que percorrerão o nosso país” (LOUREIRO, 2010).

Isso se dá em especial pelo fato de o fator público ser elemento inerente e fundamental dos *blogs*, fazendo com que os mesmos sejam “redigidos para que as histórias pessoais sejam compartilhadas abertamente” (KOMESU, 2004, p. 115).

Essa realidade também começa a ser percebida no campo da poesia popular, especialmente da literatura de cordel, pois a cada dia tem aumentado o número de cordelistas que, por um lado, um dado grupo faz a transposição documental dos folhetos, ou seja, criam mecanismos híbridos para apresentar o cordel impresso no espaço virtual; por outro, há um grupo que utiliza exclusivamente os recursos

cibernéticos para publicar ou postar suas produções literárias (GAUDÊNCIO, 2014). Dentre vários casos passíveis de destaque, mostram-se os blogs, respectivamente, Memórias da Poesia Popular Brasileira,<sup>4</sup> Cibercordel<sup>5</sup> e Mundo Cordel,<sup>6</sup> que disponibiliza uma página específica para divulgar cordéis pessoais e de vários outros autores, de maior ou menor nível de reconhecimento entre seus pares, e tenham eles sido postados nesse espaço virtual ou em outros.

Assim, a blogosfera, por meio do ciberespaço, une as pessoas aos blogs, sejam eles mais ou menos complexos, ou tenham eles um número pequeno ou grande de seguidores.

Os blogs têm se tornado, para muitos artistas, uma espécie de refúgio poético ou ambiente de “vazão” das produções intelectuais, tenham elas finalidades comerciais ou puramente lúdicas.

### **Tecendo uma relação com a memória coletiva**

A partir do surgimento e consolidação dos blogs, foram implementadas ferramentas, no contexto da blogosfera, que viabilizaram a sua legitimidade, especialmente quando elas deram respostas satisfatórias a uma demanda cada vez mais crescente de pessoas que buscavam por soluções simplificadas, ágeis, que não onerassem e com um eficaz alcance informacional, seja qual fosse a motivação. Assim, estruturas físicas e semânticas, configuradas por meio dos blogs, fizeram deles não apenas um espaço diferencial de comunicação, mas também um ambiente estratégico para a preservação dos conteúdos da web e, conseqüentemente, da necessidade “de promover a recuperação coletiva de informação”, conforme observado por Aquino (2009).

Nessa linha, tem-se a condição de preservar os conteúdos, na internet, oriundos da poesia popular, ainda voláteis, efêmeros e instáveis enquanto sistematização, controle e busca informacional na web 2.0.

Essa prática pode ocorrer *a priori* de duas formas específicas e complementares, sendo elas as “categorias” e as “tags”, elementos presentes e importantes nas estruturas da “rede”<sup>7</sup> a fim de proporcionar garantias necessárias para a preservação e o acesso dos conteúdos na blogosfera, conforme se pode visualizar na Figura 1:

---

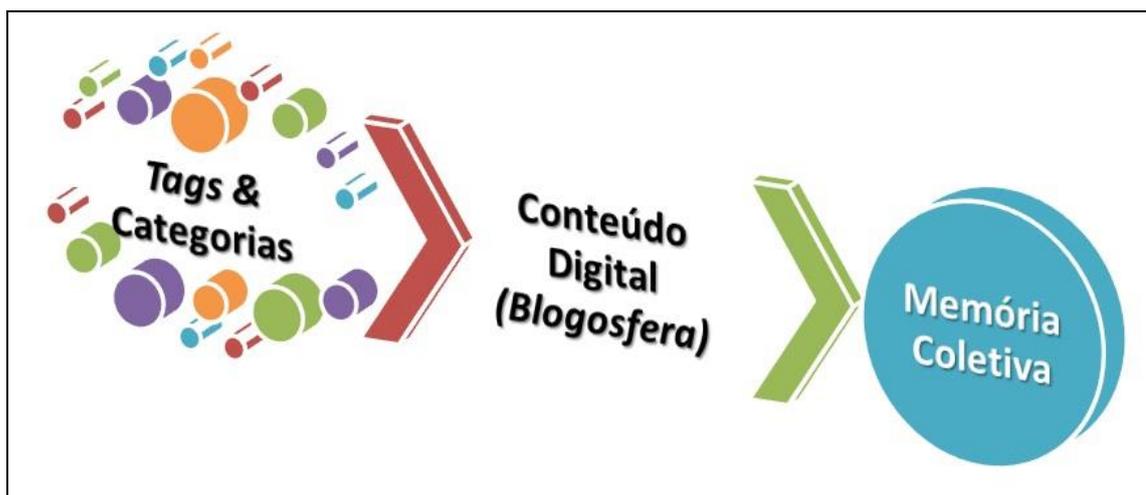
<sup>4</sup> Disponível em: <<http://memoriasdapoesiapopular.wordpress.com>>. Acesso em: 27 jan. 2015.

<sup>5</sup> Disponível em: <<https://cibercordel.wordpress.com>>. Acesso em: 11 jan. 2015.

<sup>6</sup> Disponível em: <<http://mundocordel.blogspot.com.br/p/cordeis-na-web.html>>. Acesso em: 27 jan. 2015.

<sup>7</sup> Leia-se “internet”.

Figura 1 – Elementos de preservação em blogs.



Fonte: Adaptado de Gaudêncio (2014).

Aquino (2009, p. 248) observa que “nos *blogs*, a folksonomia pode ser vista através da prática dos marcadores, que, assim, se constituem como *tags*, criadas pelos próprios blogueiros e utilizadas tanto por estes como pelos leitores para recuperar algum *post*”.

A folksonomia não surge apenas para ser apresentada como forma de representar a informação, mas também a fim de viabilizar uma singular maneira de contribuir para preservar conteúdos da “rede”. É por isso que

[...] em sistemas de publicação de *blogs*, como o WordPress, o blogueiro pode criar categorias de *posts*, e seria interessante para os leitores que o blogueiro mantivesse um padrão de *tags* para cada categoria. A recuperação se tornaria mais fácil para os leitores que, conhecendo as *tags* de uma categoria, poderiam encontrar *posts* específicos (AQUINO, 2009, p. 253).

Em vista das potencialidades das *tags*, categorias e a utilização das características da plataforma WordPress, parece ficar cada vez evidente e oportuno a necessidade profissionalizar a forma como é feita a preservação digital da memória individual e coletiva dos grupos de domínio na internet. É importante que se tenha e se faça uso de ferramentas e ambientes virtuais capazes de favorecer a perpetuação dos artefatos memoriais das culturas que estão *online*. Infelizmente, na blogosfera, este processo ainda carece de avanços, considerando que são tímidas as iniciativas e os instrumentos repositórios de conteúdos *web*.

## TRAÇANDO A MÉTRICA DOS CAMINHOS DA PESQUISA

Esta pesquisa tem relação intrínseca com a temporalidade, a historicidade e a singularidade do objeto de estudo, que se sustentou em dados históricos revelados por meio de “vestígios, relíquias e testemunhos” (ARÓSTEGUI, 2006, p. 480), constituindo as fontes de uma história da produção literária dos poetas populares brasileiros. Os produtos da criação literária foram vistos em toda a sua dimensão, incluindo-se aspectos como função dos documentos, sua forma, seus destinatários, fragmentos de textos; considerando-os como *lócus* privilegiado de testemunho,

memória e história. De certo modo, pretendeu-se eleger toda a produção dos artistas populares brasileiros, tomando-a como artefato memorialístico, fonte privilegiada, tornada, ela mesma, objeto deste estudo. Ao percorrer os acervos das instituições parceiras, observaram-se as particularidades da vida de cada poeta e de seu ato criador, constituindo uma identidade por intermédio de sua produção cultural, produzindo informações de natureza cultural, configuradas em documentos que guardam suas memórias, bem como a memória social e a cultura popular.

A pesquisa pautou-se pela abordagem qualitativa do tipo documental. Esse tipo de pesquisa, segundo Helder (2006, p. 1-2), “vale-se de documentos originais, que ainda não receberam tratamento analítico por nenhum autor [...] é uma das técnicas decisivas para a pesquisa em ciências sociais e humanas”. Oliveira (2007, p. 70) complementa que, nesse tipo de pesquisa, deve-se atentar para uma análise cuidadosa, “visto que os documentos não passaram antes por nenhum tratamento científico”.

Com efeito, os documentos se apresentam como produtos que, gerados a partir de articulações e construções lógicas, ganham formas nem sempre lineares, porém capazes, em si mesmas, de traduzir, de contar e de (re)construir sua identidade sob a forma de uma organização, o que possibilita uma releitura escritural de uma intimidade posta. Desse modo, pode-se dizer que há uma estreita ligação entre as memórias e as fontes documentais para compreender os aspectos informacionais da cultura popular brasileira. A análise das fontes de informação induziu à busca e à adoção do conceito de análise documental, que, segundo Aróstegui (2006, p. 508), é “um conjunto de princípios e de operações técnicas que permitem estabelecer a fiabilidade e adequação de certo tipo de informações para o estudo e explicação de um determinado processo histórico”.

Nesse sentido, e considerando a peculiaridade da literatura de cordel, fez-se necessário comprovar a autoria de cada cordel por meio de uma vasta pesquisa bibliográfica e comparação analítica com a estrutura poética do autor, bem como mediante consultas a outras fontes, como teses, dissertações e artigos científicos, na tentativa de verificar a veracidade dos dados coletados e aproximá-los. Isso demandou tempo e vastas leituras, já que no caso de alguns poetas pesquisados, pouco foi localizado, tanto em termos de dados pessoais quanto de informações sobre a sua obra. Nessas ocorrências, a análise ficou restrita apenas aos cordéis dos quais tivemos acesso e que comprovadamente são da autoria desses poetas.

Por outro lado, na realização da pesquisa documental não se pode descurar do conselho de Bourdieu (1996, p. 234), de que é preciso compreender criticamente o “estatuto social de cada documento”, interrogando sempre cada um deles acerca de para que e para quem foi feito, e porque foi arquivado; ou seja, atentar para as suas mediações e práticas, seus usos e destinos. A maneira como se acumulam, organizam-se e se armazenam os documentos nos arquivos parece querer defrontar o pesquisador com um itinerário próprio, uma espécie de texto já codificado, com vistas a orientar sua própria leitura e interpretação.

Considerando a característica multifacetada da literatura popular brasileira, segundo Borges (2004, p. 23), ela é estudada “com abordagens variadas em diferentes áreas do conhecimento, possibilitando diversos níveis de leitura e ensinando importantes avanços nas técnicas de documentação e pesquisas”.

A geração de conhecimento e de conceitos em uma determinada área temática, especificamente, na literatura popular, estimula pesquisadores a ensejar mecanismos e instrumentos eficazes para a recuperação, preservação, disseminação e acesso às

informações. O processo de armazenamento, busca, recuperação e disseminação de informação tem-se alterado significativamente em pouco tempo, determinando uma interação direta e crescente entre os usuários e os sistemas de informação.

A comunicação entre um sistema de informação e os seus usuários é a principal função dos processos de recuperação da informação. Nesse sentido, preservar a memória da vida e da obra dos poetas populares brasileiros é possível a partir da interface entre informações e sistema, sendo necessário, portanto, associar a pesquisa documental a outros modos de fazer. Para tanto, a pesquisa foi desenvolvida em duas fases e nove etapas, da seguinte maneira:

**Quadro 3 – Fases e etapas investigativas.**

| Fases  | Etapas   |
|--|--|
| <p>1ª Fase: De caráter estritamente documental, a pesquisa foi desenvolvida nas etapas especificadas na coluna da direita.</p>                         | <p>1ª Etapa: identificação, em nível nacional, de instituições e acervos sobre vida e obra de poetas populares.</p>  |
|  | <p>2ª Etapa: realização, quando necessário, de convênio com entidades para viabilizar a pesquisa <i>in loco</i> ou por meio da internet.</p>   |
|  | <p>3ª Etapa: levantamento e elaboração de listagem com nomes e pseudônimos dos poetas populares brasileiros e, paralelamente, identificação de sua produção literária.</p>   |
|  | <p>4ª Etapa: seleção dos poetas populares (inicialmente 120 poetas).</p>   |
|  | <p>5ª Etapa: mapeamento, identificação e seleção de documentos bibliográficos e não bibliográficos sobre a vida dos poetas populares selecionados.</p>   |
|  | <p>6ª Etapa: construção de sínteses biográficas dos poetas populares brasileiros, a partir da literatura existente e/ou adotando, quando necessários, recursos da história oral, na modalidade história de vida.</p> |
| <p>2ª Fase: De caráter aplicativo, nesta fase, algumas ações foram desenvolvidas em paralelo com a 1ª Fase, e outras após o levantamento de dados.</p> | <p>1ª Etapa: Digitalização das capas dos folhetos de cordel e outras publicações da autoria dos respectivos poetas populares.</p>  |
|  | <p>2ª Etapa: digitalização, quando em domínio público, do conteúdo dos folhetos de cordel e outras publicações dos poetas populares.</p>   |
|  | <p>3ª Etapa: concepção, modelagem, programação, teste e disponibilização do banco de dados sobre a vida e obra dos poetas populares brasileiros na plataforma WordPress.</p>   |

Fonte: Albuquerque e Oliveira (2014).

## TECENDO OS FIOS DA TRADIÇÃO: PRESERVANDO A VIDA E OBRA DE POETAS POPULARES NO CIBERESPAÇO

Esta etapa da pesquisa consistiu inicialmente da consulta aos acervos da Biblioteca Central da Universidade Estadual da Paraíba, PB; da Fundação Joaquim Nabuco, PE; da Academia Brasileira de Literatura de Cordel (ABCL); do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular (CNFCP); da Fundação Casa de Rui Barbosa, RJ (FCRB); e do Programa de Pesquisa em Literatura Popular (PPLP) – UFPB, com vistas a mapear os poetas populares, dando origem a uma listagem com mais de 3.000 poetas. Destes, foram selecionados 120 poetas, correspondentes à primeira fase investigativa.

A seleção foi balizada em etapas posteriores, que incluíram acesso às produções literárias dos autores mapeados, contatos com alguns dos autores no sentido de complementar os dados levantados, citação do nome do respectivo autor na produção acadêmica, entre outros elementos complementares. A partir da coleta dos dados, buscou-se preservar as informações sobre a vida e obra dos 120 poetas populares selecionados, por meio da criação do *blog* (Figura 2) denominado Memórias da Poesia Popular: “informação sobre vida e obra de poetas populares brasileiros”.

Figura 2 – Layout do *blog* Memórias da Poesia Popular.



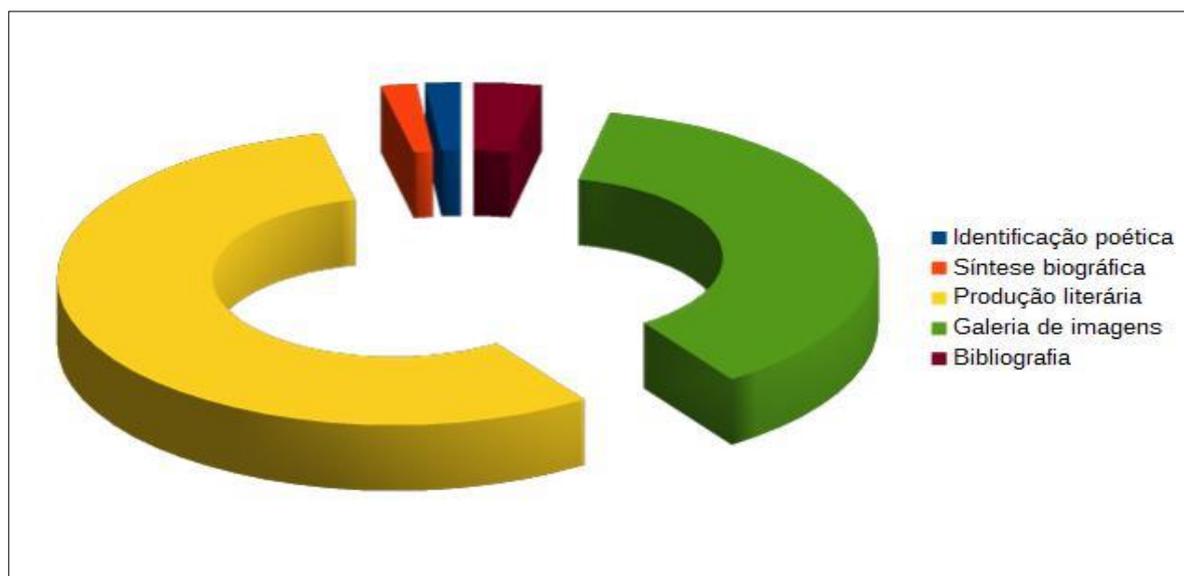
Fonte: elaborado pelos autores, a partir de dados desta pesquisa.<sup>8</sup>

Neste menu, as páginas principais aparecem numa barra horizontal, e as secundárias numa barra vertical, a saber: 1) *O Projeto* (pesquisadores, expediente e produção científica); 2) *Poetas Populares* (Identificação, Síntese biográfica, Produção literária, Galeria de imagens, Bibliografia); 3) *Fale Conosco*; 4) *O Projeto em Vídeo*; 5) *Pesquisa*.

<sup>8</sup> Disponível em: <<http://memoriasdapoesiapopular.wordpress.com>>. Acesso em: 1 jan. 2015.

No *blog* estão incluídas as informações por categorias: “Produção literária” totaliza 3.914, ao passo que “Galeria de imagens”, 2.594. Essas inclusões ocorreram em função da impossibilidade de encontrar o cordel e digitalizá-lo; em razão da fragilidade do material em que são produzidos os cordéis; pela falta de acesso a estes, que, em alguns casos, estão apenas em coleções de particulares; ou pela falta de acesso às coleções completas dos autores, mesmo dos que estão vivos.

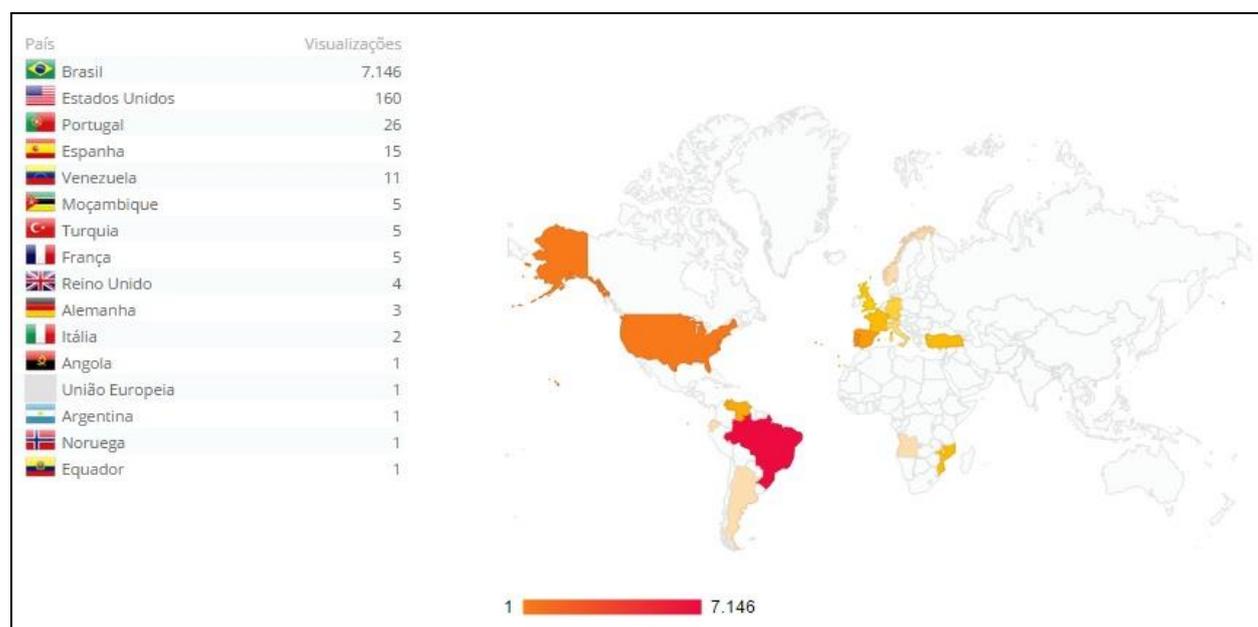
**Gráfico 1 – Distribuição de informações no *blog* por categorias**



Fonte: elaborado pelos autores, a partir de dados desta pesquisa.

Os resultados revelam o quantitativo de acessos por países ao *blog*, conforme os dados apresentados na Figura 3.

**Figura 3 – Mapas de acesso do site – por país.**



Fonte: elaborado pelos autores, a partir de dados desta pesquisa.

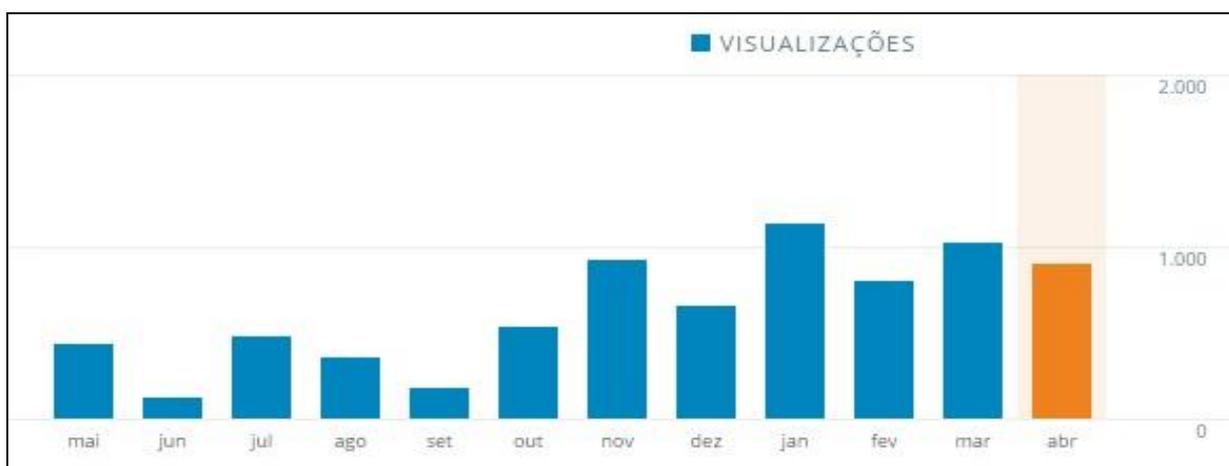
Os dados demonstram que a literatura de cordel já desperta interesse de outras culturas. Assim, pode-se afirmar que não se trata de subliteratura. O que a deixa à margem é a falta de informações sobre ela. Nesse sentido, pode-se inferir que se informação for tratada e disponibilizada, sempre haverá um usuário. Ou seja, o processo de disseminação da informação em relação à cultura popular, especialmente sobre vida e obra dos cordelistas brasileiros, é incipiente, sobretudo, quando se leva em consideração o vertiginoso número de cordelistas, glosadores, repentistas, que nem sempre possui domínio da *lecto* escrita. No que se refere ao repente, por exemplo, a criação literária se dá de modo verbal e, na maioria das vezes, sem nenhum registro do ato criativo.

Outro fator é a forma ainda rudimentar de produzir os cordéis e disponibilizá-los para avenda, o que dificulta a vida dos pesquisadores que se debruçam sobre a temática. Nesse sentido, Meadows (1999, p. 212) destaca que

[...] em primeiro lugar vem a formulação da necessidade de informação. Segue-se a identificação de possíveis fontes que contenham a informação requerida. Então vem o processo de extrair e absorver a informação das fontes. Por fim, a informação é avaliada e, sendo satisfatória, incorporada à atividade de pesquisa.

Nesse aspecto, o *blog* apresentado é um repositório de informações coletadas sobre a vida e a obra de 120 cordelistas, cujo objetivo está diretamente relacionado à afirmativa do autor: a necessidade de informações sobre a cultura popular, que conduziu à identificação dos cordelistas, das fontes sobre vida e obra e de suas produções. Esse repositório permitirá que outros pesquisadores se interessem pelo campo, e, sobretudo pela preservação da memória dos poetas. Nem sempre registrada, essa memória torna-se efêmera, sendo, em muitos casos, silenciada em nome de uma “literatura maior”. Esse comentário se baseia nos dados explicitados no Gráfico 2.

**Gráfico 2 – Mapa de acesso do site – por mês (2014/2015).**



Fonte: elaborado pelos autores, a partir de dados desta pesquisa.

Diante desse contexto, o número de acessos representados graficamente refere-se aos dados disponibilizados, cuja curva foi ascendente. Salienta-se, ainda, que outros dados já foram coletados e serão inseridos no *blog*. Essa fase conta com a colaboração dos próprios poetas populares, que estão enviando suas produções para que constem na ferramenta, e, assim, seja preservada sua memória.

## **A GLOSA DE (IN)CONCLUSÕES**

Diante do que foi exposto ao longo do texto, cabe-nos tão somente tecer alguns comentários (ou glosas), que, para o nosso ponto de vista, são significativos: 1) a literatura popular desperta o interesse de pesquisadores ou poetas de outros países; 2) o uso das novas tecnologias de informação e comunicação pode ser um forte aliado na preservação da vida e obra dos poetas populares; 3) muito ainda há por fazer na preservação dessa cultura, que traz imbricada em si a identidade nordestina como característica primeira; 4) o tratamento e a disponibilização de informação sobre as vidas e as obras dos poetas populares provocarão o interesse por elas e pelo seu uso; 5) as informações sobre vida e obra dos poetas populares disponibilizadas *online* romperão o silêncio e o esquecimento que têm caracterizado esse tipo de literatura, bem como influenciarão novas pesquisas e outras demandas; 6) este tipo de produção reitera e fortalece a construção de uma memória coletiva; 7) e, por fim, a concepção do *blog* Memória da Poesia Popular potencializa o papel da plataforma WordPress como uma ferramenta amigável e estratégica na promoção da curadoria digital da cultura popular.

### **Agradecimentos (Instituição de Fomento)**

Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, Brasília, Brasil

### **Agradecimentos (Parceiros)**

Academia Brasileira de Literatura de Cordel, Rio de Janeiro, Brasil

Biblioteca Central da Universidade Estadual da Paraíba, João Pessoa, Brasil

Fundação Joaquim Nabuco, Recife, Brasil

Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular, Rio de Janeiro, Brasil

Núcleo de Documentação e Informação Histórica Regional, João Pessoa, Brasil

Programa de Pesquisa em Literatura Popular, João Pessoa, Brasil

Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, João Pessoa, Brasil

Artigo recebido em 31/01/2015 e aprovado em 14/04/2015.

## **REFERÊNCIAS**

AQUINO, M. C. Os *blogs* na *web 2.0*: representação e recuperação coletivas de informação. In: AMARAL, A.; RECUERO, R.; MONTARDO, S. *Blogs.com: estudos sobre blogs e comunicação*. [S. l.]: Momento Editorial, 2009. Disponível em:

- <<http://biblioteca.comunicamos.org/portfolio/blogs-com-estudos-sobre-blogs-e-comunicacao>>. Acesso em: 28 dez. 2013.
- AQUINO, M. de A. (Org.). *O campo da ciência da informação: gênese, conexões e especificidades*. João Pessoa: UFPB, 2011.
- ARÓSTEGUI, J. *A pesquisa histórica: teórica e método*. Bauru: Edusc, 2006.
- BITENCOURT, J. B. *O que são blogs?* Porto Alegre: UFRGS, [2005?]. Disponível em: <[http://penta3.ufrgs.br/PEAD/Semana01/blogs\\_conceitos.pdf](http://penta3.ufrgs.br/PEAD/Semana01/blogs_conceitos.pdf)>. Acesso em: 11 jan. 2015.
- BORGES, F. N. F. Relações polisotópicas na literatura de cordel. In: \_\_\_\_\_. *Estudos em literatura popular*. João Pessoa: Editora Universitária, UFPB, 2004.
- BOURDIEU, P. A leitura: uma prática cultural. In: BOURDIEU, P.; BRESSON, F.; CHARTIER, R. (Org.). *Práticas da leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.
- BLOOD, R. *Weblogs: a history and perspective*. 7 Sep. 2000. Disponível em: <[http://www.rebeccablood.net/essays/weblog\\_history.html](http://www.rebeccablood.net/essays/weblog_history.html)>. Acesso em: 1 jan. 2015.
- CANDAU, J. *Memória e identidade*. São Paulo: Contexto, 2011.
- CASTELLS, M. *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- CARVALHO, L. M.; CARVALHO, M. M. O registro da memória através dos diários virtuais: o caso dos *blogs*. *Em Questão*, Porto Alegre, v. 11, n. 1, p. 53-66, jan./jun. 2005. Disponível em: <<http://repositorio.ufrn.br:8080/jspui/handle/1/3111>>. Acesso em: 11 jan. 2015.
- FERRERA, A.; VIEIRA, J. A moda dos *blogs* e sua influência na cibercultura: do diário virtual aos posts comerciais. *E-Compós*, v. 10, p. 1- 14, 2007. Disponível em: <<http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/view/205/206>>. Acesso em: 27 jan. 2015.
- GAUDÊNCIO, S. M. *Representação da informação de cibercordéis em blogs: uma análise sob a luz da semântica discursiva*. 2014. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2014. Disponível em: <[http://bdtd.biblioteca.ufpb.br/tde\\_arquivos/8/TDE-2014-08-07T105337Z-2868/Publico/arquivototal.pdf](http://bdtd.biblioteca.ufpb.br/tde_arquivos/8/TDE-2014-08-07T105337Z-2868/Publico/arquivototal.pdf)>. Acesso em: 1 jan. 2015.
- GONÇALVES, F. G. Blog – o que é? Como funciona? E por que “blogar”? *Radiol. Bras.* v. 44, n. 3, maio/jun. 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rb/v44n3/02.pdf>>. Acesso em: 23 abr. 2015.
- HALBWACHS, M. *Les cadres sociaux de la mémoire*. Paris: Félix Alcan, 1925.
- \_\_\_\_\_. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice: Revista dos Tribunais, 1990.
- HELDER, R. R. *Como fazer análise documental*. Porto: Universidade de Algarves, 2006.
- KOMESU, F. *Blogs e as práticas de escrita sobre si na internet*. In: MARCUSCHI, Luiz Antonio;
- XAVIER, Antonio Carlos (Org.). *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção do sentido*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004. p.110-119. Disponível em: <<http://www.ufpe.br/nehete/artigos/Blogs-Fabiana-Komesu.pdf>>. Acesso em: 14 jan. 2015.
- LE GOFF, J. *História e memória*. Campinas: Ed. da Unicamp, 1990.
- LÉVY, P. *Cibercultura*. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Ed. 34, 1999.

- LOUREIRO, R. *Descobrir novos autores: porque os novos autores trazem novas visões*. 2010. Disponível em: <<http://descobrirnovosautores.blogspot.com.br/p/inicio.html>>. Acesso em: 14 jan. 2015.
- LUCENA, B. P. *Espaços em disputas: o cordel e o campo literário brasileiro*. 2010. Dissertação (Mestrado em Literatura) – Universidade de Brasília, 2010.
- MEADOWS, A. J. *A comunicação científica*. Brasília: Briquet de Lemos, 1999.
- NORA, P. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP, São Paulo*, n. 10, p. 7-28, 1993.
- PRIMO, A. *Blogs e seus gêneros: avaliação estatística dos 50 blogs mais populares em língua portuguesa*. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 31., 2008, Natal. *Anais...* Natal: Intercom, 2008. Disponível em: <[http://www.ufrgs.br/limc/PDFs/50\\_blogs.pdf](http://www.ufrgs.br/limc/PDFs/50_blogs.pdf)>. Acesso em: 27 jan. 2015.
- RECUERO, R. da C. *Weblogs, webrings e comunidades virtuais. 404 not found: revista eletrônica do grupo Ciberpesquisa*, v. 1, n. 31, 2003. Disponível em: <<http://www.raquelrecuero.com/webrings.pdf>>.
- \_\_\_\_\_. Fluxos de informação e capital social nos weblogs. In: STEFFENS, C.; STEFFEN, C.; POZENATO, K. M. (Org.). *Mídia, cultura e contemporaneidade*. Caxias do Sul: EducS, 2010. p. 117-142. Disponível em: <<http://www.raquelrecuero.com/artigos/livroucsrecuero.pdf>>. Acesso em: 23 abr. 2015.
- RICOEUR, P. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: Ed. Unicamp, 2010.
- RODRIGUES, C. *Blogs e a fragmentação do espaço público*. Covilhã: Universidade da Beira Interior, 2006. Disponível em: <[www.labcom.ubi.pt](http://www.labcom.ubi.pt)>. Acesso em: 10 jan. 2013.
- SANTOS, L. A. A. Literatura de cordel e migração nordestina: tradição e deslocamento. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, Brasília, n. 35, p. 77-91, 2010. Disponível em: <<http://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/1645/1264>>. Acesso em: 12 jan. 2015.
- SILVA, T. T. Blogs e o crescimento das trocas simbólicas na rede. *Revista de Estudos e Pesquisas em Linguagem e Mídia*, São Paulo, v. 1, n. 2, 2005. Disponível em: <<http://revistas.usp.br/caligrama/article/view/64431>>. Acesso em: 16 jan. 2015.
- SCHMIDT, J. Blogging practices: an analytical framework. *Journal of Computer-Mediated Communication*, v. 12, n. 4, 2007. Disponível em: <<http://jcmc.indiana.edu/vol12/issue4/schmidt.html>>. Acesso em: 01 jan. 2015.
- ZAGO, G. da S. Dos blogs aos microblogs: aspectos históricos, formatos e características. In: CONGRESSO NACIONAL DA HISTÓRIA DA MÍDIA, 6., 2008, Niterói. *Anais...* Niterói: [s.n.], 2008. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/zago-gabriela-dos-blogs-aos-microblogs.pdf>>. Acesso em: 23 abr. 2015.
- WORDPRESS. *Sobre nós*. Disponível em: <<https://br.wordpress.com/about>>. Acesso em: 13 dez. 2014.